

Os ensinamentos de Muad'Dib converteram-se no espaço onde escolásticos, supersticiosos e corruptos se recreiam. Ele ensinou um modo de vida equilibrado, uma filosofia de que o ser humano pode servir-se para enfrentar os problemas que um universo em constante mudança origina. Afirmou que a humanidade está ainda num processo de evolução que nunca terminará. Declarou que essa evolução se desenrola com base em princípios que só a eternidade conhece. Como pode o raciocínio corrompido recrear-se com tal essência?

— Palavras do Mentat Duncan Idaho

Um ponto de luz apareceu no tapete vermelho-escuro que cobria a rocha bruta do chão da caverna. A luz brilhava sem fonte aparente, existindo apenas na superfície do tecido urdido com fibra de especiaria. Era um perscrutador círculo de dois centímetros de diâmetro que se deslocava de forma errática — ora alongando-se, ora descrevendo ovais. Ao encontrar o flanco verde-escuro de uma cama, pulou para cima dela, retorcendo-se enquanto avançava através da superfície do leito.

Debaixo da coberta verde estava deitada uma criança de cabelo cor de ferrugem, o rosto ainda arredondado por bochechas de bebê, a boca generosa — uma figura que não possuía a esguia frugalidade da tradição fremen, mas que tão-pouco ostentava a carne inchada pela água característica dos forasteiros. Quando a luz atravessou as pálpebras fechadas, a pequena figura agitou-se. Depois a luz extinguiu-se.

Restava apenas o som da respiração constante e, por trás dele, o ténue gotejar tranquilizador da água que se acumulava numa bacia coletora, proveniente da boca de vento instalada bem acima da caverna.

A luz apareceu de novo no aposento — ligeiramente maior, alguns lúmenes mais intensa. Dessa vez havia nela uma sugestão de fonte e movimento: uma figura encapuzada ocupava a soleira da entrada em arco, e era daí que a luz provinha. A luz deslizou uma vez mais através

da divisão, testando, perscrutando. Havia nela um quê de ameaça, de insatisfação inquieta. Evitou a criança adormecida, deteve-se na grade da entrada de ar num dos cantos superiores, sondou um bojo nas colgaduras verdes e douradas que suavizavam a aspereza das paredes de pedra.

Depois a luz extinguiu-se. A figura encapuzada moveu-se com um silvo de tecido que lhe denunciou a presença, postando-se a um dos lados da abertura em arco. Qualquer pessoa que estivesse a par das rotinas ali em Sietch Tabr teria de imediato suspeitado que se tratava de Stilgar, Naib do sietch, guardião dos gémeos órfãos que um dia viriam a envergar o manto do pai, Paul Muad'Dib. Stilgar fazia amiúde inspeções noturnas aos aposentos dos gémeos, começando sempre por aquele onde dormia Ghanima e terminando ali na divisão contígua, onde recuperava a paz de espírito depois de se certificar de que Leto não corria nenhum perigo.

Não passo de um velho tonto, pensou Stilgar.

Dedilhou a superfície fria do projetor de luz antes de o devolver à presilha da faixa que usava à cintura. O projetor irritava-o, apesar de dele depender. Era um instrumento subtil do Império, um dispositivo destinado a detetar a presença de corpos vivos de grande dimensão. Que só tinha revelado as crianças que dormiam nos aposentos reais.

Stilgar sabia que os seus pensamentos e emoções eram como a luz, que não tinha como serenar a inquietação da sua projeção interior. O controlo *desse* movimento cabia a um qualquer poder maior do que ele, que o projetava naquele momento em que pressentia a acumulação do perigo. Ali repousava o íman de todos os sonhos de grandeza do universo conhecido. Ali repousavam as riquezas temporais, a autoridade secular e o mais poderoso dos talismãs místicos: a autenticidade divina do legado religioso de Muad'Dib. Naqueles gémeos — em Leto e na irmã Ghanima — concentrava-se um poder assombroso. Enquanto fossem vivos, Muad'Dib, apesar de morto, viveria neles.

Não eram meras crianças de nove anos; eram uma força natural, objetos de veneração e medo. Eram filhos de Paul Atreides, que se havia tornado Muad'Dib, o Mahdi dos Fremen. Muad'Dib provocara uma explosão de humanidade; graças a uma jihad, os Fremen tinham-se espalhado para lá das fronteiras daquele planeta, transportando o seu fervor através do universo humano numa vaga de governação religiosa cujos alcance e ubíqua autoridade haviam deixado a sua marca em todos os planetas.

E, no entanto, estes filhos de Muad'Dib são carne e sangue, pensou Stilgar. Dois simples golpes com a minha faca bastariam para lhes fazer parar o coração. E a água deles seria devolvida à tribo.

Tumultuou-se-lhe a mente caprichosa ante semelhante pensamento.
Matar os filhos de Muad'Dib!

Porém os anos tinham-lhe emprestado sensatez à introspecção. Stilgar sabia a origem de tão terrível pensamento. Vinha-lhe da mão esquerda dos condenados, não da mão direita dos abençoados. Eram poucos os mistérios que o *ayat* e o *burhan* da Vida guardavam para ele. Outrora sentira orgulho em ser Fremem, em pensar no deserto como um amigo, em chamar mentalmente àquele planeta Duna e não Arrakis, nome que figurava em todos os mapas celestes imperiais.

Quão simples eram as coisas no tempo em que o nosso Messias não passava de um sonho, pensou. Ao encontrarmos o nosso Mahdi, demos livre curso a um sem-número de sonhos messiânicos no universo. Todos os povos subjugados pela jihad sonham agora com um líder que há de vir.

Stilgar percorreu com os olhos o aposento.

Se a minha faca libertasse todos esses povos, será que fariam de mim um messias?

Ouvia-se Leto mexer-se desassossegadamente na cama.

Stilgar suspirou. Nunca havia conhecido o avô Atreides de quem aquela criança herdara o nome. Mas muitos diziam que nele residia a origem da força moral de Muad'Dib. Poderia essa aterradora qualidade que é a *retidão* saltar agora uma geração? Stilgar achou-se incapaz de responder a essa pergunta.

Pensou: *Sietch Tabr é meu. Sou eu quem governa aqui. Sou Naib dos Fremem. Sem mim, Muad'Dib não teria existido. Agora, estes gémeos... Através de Chani, mãe deles e minha parente, o meu sangue corre-lhes nas veias. Estou ali, juntamente com Muad'Dib e Chani e todos os outros. O que fizemos nós ao nosso universo?*

Stilgar não sabia explicar por que razão era assaltado à noite por tais pensamentos ou por que razão o faziam sentir-se tão culpado. Agachou-se dentro do seu manto com capuz. A realidade não se assemelhava em nada ao sonho. O Deserto Amigável, que em tempos se estendia de um polo ao outro, fora reduzido a metade do seu tamanho original. O mítico paraíso da verdura em expansão enchia-o de consternação. Não era como o sonho. Sabia que, tal como o planeta, também ele mudara. Transformara-se numa pessoa incomparavelmente mais subtil do que

o outrora chefe de sietch. Tinha agora consciência de muitas coisas: da arte de governar e das profundas consequências que as mais pequenas decisões acarretavam. No entanto, sentia que esse conhecimento e essa subtileza não eram mais do que uma fina camada superficial que recobria o férreo âmago de uma consciência mais simples e determinista. E era esse âmago mais antigo que o chamava, que lhe implorava que regressasse a valores menos nebulosos.

Os rumores matinais do sietch intrometeram-se-lhe nos pensamentos. Principiava o bulício na caverna. Sentiu uma brisa contras as faces: pessoas cruzavam as portas estanques para adentrarem a escuridão prévia à aurora. A brisa era simultaneamente sintoma de descuido e do tempo que viviam. Os habitantes dos túneis já haviam abandonado a rigorosa disciplina da água dos velhos tempos. E porque haveriam de mantê-la, depois de naquele planeta ter sido registada a queda de chuva, depois de no seu céu terem sido vistas nuvens, depois de oito Fremem terem sido vítimas mortais de uma cheia num uádi? Até àquele episódio, a palavra *afogado* não existia no vocabulário de Duna. Mas aquele lugar já não era Duna; era Arrakis... e aquela era a manhã de um dia memorável.

Pensou: *Jessica, mãe de Muad'Dib e avó destes gémeos reais, regressa hoje ao nosso planeta. Por que razão optou ela por pôr fim ao seu autoexílio nesta altura? Por que razão troca ela a amenidade e a segurança de Caladan pelos perigos de Arrakis?*

E havia ainda outras preocupações: Pressentiria ela as dúvidas de Stilgar? Era uma bruxa Bene Gesserit, detentora do mais elevado grau de formação da Irmandade e Reverenda Madre por direito próprio. As mulheres da sua condição eram perspicazes e perigosas. Viria ela a ordenar-lhe que se deixasse cair sobre a própria faca, como ditara a sorte ao Protetor Umma de Liet-Kynes?

Obedecer-lhe-ia?, perguntou-se.

Não sabia responder a essa pergunta, mas agora os seus pensamentos eram ocupados por Liet-Kynes, o planetólogo que pela primeira vez sonhara transformar o deserto que cobria a totalidade de Duna no planeta verde propício à vida humana que entretanto começava a ganhar forma. Liet-Kynes era o pai de Chani. Sem ele não teria existido nem sonho sem Chani nem gémeos reais. O funcionamento dessa frágil cadeia consternava Stilgar.

Como nos conhecemos nós neste lugar?, perguntou a si mesmo. *Como se combinaram as nossas vidas? Com que propósito? É meu dever pôr fim a tudo e aniquilar essa grande combinação?*

Stilgar reconheceu a terrível urgência que dentro dele fervilhava. Podia fazer essa escolha, renegando o amor e a família para fazer o que cumpre a um Naib fazer quando as circunstâncias assim o exigem: tomar uma decisão implacável para o bem da tribo. Por um lado, tal assassinato representava a expressão máxima da traição e da atrocidade. *Matar meras crianças!* No entanto não eram meras crianças. Havia comido melange, participado na orgia do sietch, esquadrinhado o deserto à procura de trutas de areia e participado nos demais jogos das crianças fremen... E tinham assento no Conselho Real. Crianças de tão tenra idade e, não obstante, suficientemente sensatas para tomar assento no Conselho. Podiam ser crianças na aparência, mas possuíam a sábia experiência dos anciãos, dotadas à nascença de toda uma memória genética, de uma aterradora consciência que os distinguia, a elas e à sua Tia Alia, de todos os outros seres humanos.

Inúmeras vezes durante noites a fio tinha Stilgar dado por si a remoer sobre essa *diferença* que os gémeos partilhavam com a tia; inúmeras vezes tinha ele sido despertado do sono por tais tormentos, deslocando-se aos aposentos dos gémeos a meio dos sonhos. Agora as dúvidas dele tornavam-se claras. A incapacidade de tomar uma decisão era em si mesma uma decisão — ele tinha noção disso. A consciência dos gémeos e da tia fora despertada ainda no ventre materno, onde tinham conhecido todas as memórias legadas pelos seus antepassados. Tal devera-se ao vício da especiaria, ao vício da especiaria a que haviam sucumbido as mães: Dama Jessica e Chani. Dama Jessica dera à luz um filho, Muad'Dib, antes de o vício se apoderar dela. Alia nascera depois de alojado o vício. Analisando retrospectivamente as coisas, isso tornava-se claro. As incontáveis gerações de reprodução seletiva conduzida pelas Bene Gesserit haviam culminado em Muad'Dib, mas em momento algum consentira a Irmandade o recurso à melange. Elas sabiam dessa possibilidade, porém temiam-na e chamavam-lhe *Abominação*. Eis o facto mais desconcertante. Abominação. Decerto teriam razões válidas para formular tal juízo. E se diziam que Alia era uma Abominação, certamente se poderia aplicar a mesma designação aos gémeos, pois também Chani fora viciada — tinha o corpo saturado de especiaria — e os genes dela haviam complementado de algum modo os de Muad'Dib.

Os pensamentos de Stilgar precipitavam-se agitados. Não havia a mais pequena dúvida de que aqueles gémeos tinham ido mais além que o pai. Mas em que direção? O rapaz sugeria ser detentor da capacidade de *ser* o seu pai — e provara-a. Desde muito tenra idade, Leo revelara

memórias que deveriam ser exclusivas de Muad'Dib. Haveria outros antepassados à espera naquele vasto espectro de memórias? Antepassados cujos hábitos e crenças colocavam perigos indizíveis aos humanos vivos?

Abominações, chamavam-lhes as bruxas sagradas das Bene Gesserit. Todavia a Irmandade cobiçava a genofase daquelas crianças. Queria-lhes o esperma e os óvulos sem a perturbadora carne que carregavam. Seria essa a razão pela qual Dama Jessica regressaria nesta altura? Desvinculara-se da Irmandade para apoiar o seu consorte ducal, mas circulavam rumores de que voltara a abraçar a doutrina Bene Gesserit.

Podia pôr fim a todos esses sonhos, pensou Stilgar. Seria tão simples.

E no entanto ficou de novo surpreendido consigo mesmo por se quer considerar tal possibilidade. Eram os gémeos de Muad'Dib responsáveis pela realidade que destruía os sonhos alheios? Não. Eram tão-somente a lente através da qual vertia uma luz que revelava novas formas no universo.

A mente atormentada de Stilgar recuou às mais fundamentais crenças fremen e a ela assomou o pensamento: *Os desígnios de Deus, cedo ou tarde, acabam por chegar; não procures, pois, apressá-los. A Deus cabe mostrar-nos o caminho; e alguns há que dele se desviam.*

Era a religião de Muad'Dib que inquietava Stilgar mais do que qualquer outra coisa. Por que razão tinham feito de Muad'Dib um deus? Porquê deificar um homem que se sabia ser de carne? O *Elixir Dourado da Vida* de Muad'Dib havia criado um monstro burocrático que condicionava todos os aspetos da vida humana. Depois de fundidos o governo e a religião, a infração à lei convertera-se em pecado. Um odor a blasfémia erguia-se como fumo em torno da mais pequena contestação aos editos governamentais. O pecado da rebelião invocava o fogo do inferno e a intolerância de julgamentos moralistas.

No entanto, quem criava tais editos governamentais eram os homens.

Stilgar abanou a cabeça tristemente e não se apercebeu dos criados que haviam entrado na Antecâmara Real para cumprir as suas tarefas matinais.

Percorreu com os dedos a crifaca que trazia à cintura, pensando no passado que ela simbolizava, pensando no número de vezes que compreendera as motivações dos rebeldes cujas sublevações haviam sido esmagadas por ordens suas. Um estado de confusão atravessou-lhe a mente e pensou no quanto desejava ser capaz de a aniquilar e regressar às simplicidades que a faca representava. Porém o universo não voltaria

atrás. Era um colossal engenho projetado sobre o vazio cinzento da não-existência. A sua faca, caso ditasse a morte dos gémeos, mais não faria do que reverberar contra esse vazio, urdindo novas complexidades que ecoariam através da história humana, criando novas ondas de caos, convidando a humanidade a ensaiar outras formas de ordem e desordem.

Stilgar suspirou, tomando consciência dos movimentos à sua volta. Sim, aqueles criados representavam uma espécie de ordem construída em torno dos gémeos de Muad'Dib. Transitavam de um momento para o seguinte, atendendo a cada necessidade que ali ocorresse.

A melhor coisa a fazer é imitá-los, disse Stilgar de si para consigo. *A melhor coisa a fazer é atender ao que surgir no momento em que surja. Ainda sou um criado. E o meu amo é Deus o Misericordioso, o Compassivo.* E citou para si mesmo: *«É certo que lhes cingimos o pescoço com grilhões até ao queixo, para que mantenham a cabeça levantada; e que pusemos diante deles uma barreira e atrás deles uma barreira; e que os cobrimos, para que não lhes seja possível ver.»*

Assim estava escrito na velha religião fremen.

Stilgar fez que sim com a cabeça, de si para consigo.

A capacidade de *ver*, de antecipar o momento seguinte — como fizera Muad'Dib com as suas assombrosas visões do futuro —, servia de força acrescida para fazer face aos assuntos da humanidade. Criava novos lugares de tomada de decisões. O desagrilhoamento: sim, tal sorte podia muito bem ser indicativa de um capricho de Deus. Uma outra complexidade para lá das limitações do alcance humano.

Stilgar afastou a mão da faca. Os dedos formigaram-lhe enquanto a mente se detinha nela. Mas a lâmina que outrora fulgira na boca escancarada de um verme de areia permaneceu embainhada. Stilgar sabia que não a sacaria para matar os gémeos. Tinha tomado uma decisão. Era preferível não abrir mão daquela velha virtude que ainda prezava: a lealdade. Eram preferíveis as complexidades que se julgava conhecer às complexidades que desafiavam a compreensão. Era preferível o agora ao futuro de um sonho. O sabor amargo que sentiu na boca fê-lo perceber quão vazios e repugnantes podiam alguns sonhos ser.

Não! Acabaram-se os sonhos!